



## ANABATISMO E AS TRÊS DIMENSÕES DA VIDA CRISTÃ

### ANABAPTISM AND THE THREE DIMENSIONS OF THE CHRISTIAN LIFE

João Guilherme Dyck<sup>1</sup>  
Hartmut August<sup>2</sup>

#### RESUMO

Com este trabalho buscou-se pesquisar como surgiu o movimento anabatistas na Europa e quais as dimensões da vida cristã que esse movimento pregava segundo Finger. Para tanto empreendeu-se uma pesquisa bibliográfica sobre a história do movimento, bem como o contexto mais amplo no qual ele surgiu. Contextualizando o período histórico da gênese anabatista possibilita-se compreender as três dimensões da vida, a saber, a dimensão pessoal, comunal e missional. Também se expõe no presente trabalho as divergências existentes entre os vários líderes e grupos anabatistas. Portanto, os irmãos suíços, hutteristas, tragédia de Münster e os Menonitas são expostos nessa sequência. No que concerne às dimensões da fé cristã buscou-se explicar o que Finger entendia desses conceitos bem como pontes com escritores contemporâneos como Keller, Blomber e Murray. Transformação pessoal, vida em comunidade e propagar o evangelho por todo o mundo eram objetivos centrais da fé anabatista e com isso conclui-se o trabalho mostrando a relevância dos estudos anabatistas para a sociedade atual.

**Palavras-chave:** Anabatistas. Hutteristas. Menonitas. Fé cristã.

#### ABSTRACT

How did the anabaptism movement emerged during the XVI century in Europe and what are the three dimensions of christian faith according to Finger. For this goal a bibliography research was made about the movement's history, as well as the historical context. With this contextualization is it possible to comprehend the three dimensions of life, the personal, comunal and missional

<sup>1</sup>Pós-graduado em Ministério Pastoral pela Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup>Doutor em Teologia pela PUCPR. Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis. e-mail: hartmut.august@fidelis.edu.br

dimension. Also, the differences between the various leaders and anabaptist's group are presented in this article. Therefore, the swiss brethren, hutterits, the Münster tragedy and Mennonites are studied in this order. About the dimensions of faith these terms were explained according to Finger and relations with contemporary writers as Keller, Blomber and Murray were made. Personal changes, community life and preach the gospel all over the world were central goals for the anabaptist faith and that brings to the conclusion that the study of anabaptists theology are relevant for the current society.

**Palavras-chave:** Anabaptists. Hutterits. Mennonites.

## INTRODUÇÃO

O que é anabatismo? O que foram os anabatistas? Por quê esse nome? Qual o impacto e relevância desse movimento do século XVI para o século XVI? Questões como essas são postas regularmente quando alguém se identifica como menonita e tenta explicar o que essa denominação prega e acredita.

Para Murray (2015), existe um interesse crescente por um entendimento desse movimento. Muitos percebem, logo no início de suas buscas, que seus descontentamentos atuais e tentativas de viver uma fé e vida contra cultural e sem se amoldar aos padrões do mundo (Romanos 12) não são tão novos. Houve, ao longo do século XVI, pessoas ansiosas e desejosas por uma sociedade livre da hipocrisia, da decadência moral e ética. Mais importante, uma vida onde Deus estivesse no centro.

Para tanto, apresentar-se-á um breve histórico do anabatismo, mostrando suas origens na Suíça, passando por experiências sociais onde seus princípios foram implementados e terminando em Menno Simons.

Para os anabatistas, mais importante que o nascimento de Cristo (Natal) ou sua morte (Páscoa), era a vida e seus ensinamentos (LEDERACH, 1993, p. 4). Isso implicava que, não apenas a vida do indivíduo era afetada pelo Evangelho, mas toda sua maneira de interagir com o próximo e a sociedade. Portanto, além de eventos históricos também estudar-se-á as dimensões da vida cristã descritas por Finger. Por fim, quando possível faz-se também uma ponte entre escritores do século XVI e XXI.

## 1 HISTÓRIA DAS ORIGENS ANABATISTAS

O ano era 1523, a cidade, Zurique. Zuínglio comandava a cidade por uma série de reformas importantes (FINGER, 2004, p. 18). Alguns anos antes, Lutero iniciou uma revolução

dentro da igreja católica alemã e isso alcançou também a Suíça. Os pontos principais que instigaram as reformas suíças foram a cobrança de dízimos e as indulgências por parte da igreja (FINGER, 2004, p. 18). Isso levou a que, inicialmente, a população urbana abraçasse o protestantismo. No entanto, com o passar dos anos as cobranças da igreja pesaram sobre a população rural. Os camponeses que cercavam a cidade questionavam os dízimos e juros cobrados para manter a igreja da cidade. Afinal, a situação econômica da região fazia dessas cobranças um fardo extremamente pesado para eles carregarem. Isso levou alguns padres a liberarem seus liderados de pagar por essas cobranças (FINGER, 2004, p. 18). Foi nesse campo de dificuldade econômica e questionamentos à ordem estabelecida pela igreja católica que emergiram os primeiros anabatistas.

Esses surgiram a partir de um grupo de dissidentes de Zurique, onde Zuínglio coordenava uma série de reformas influenciado pelas reformas propostas por Lutero e o humanismo. Integraram esse grupo pessoas como Grebel e Menz que, em uma noite de inverno em Zurique, aceitaram o batismo de adulto e assim romperam definitivamente com a ordem estabelecida (KLAASSEN, 1973, p. 3).

Mas as novas ideias anabatistas não se restringiam apenas ao batismo, definindo também um estilo de vida e uma maneira de viver em comunidade (KLAASSEN, 1973, p. 5). O primeiro grupo organizado a surgir com uma estrutura clara de convívio em sociedade foram os Hutteritas. Esse grupo de pessoas assim chamado se assentou na Morávia (atualmente parte da República Tcheca) e defendia que o cristão não podia ter propriedade privada, antes tudo deveria pertencer à comunidade (FINGER, 2004, 33). Depois deles, outros grupos conseguiram se organizar com maior ou menor grau de sucesso.

Um desses grupos surgiu na cidade alemã de Münster. Nessa cidade, Bernd Rothmanns, Jan Mathys e Jan van Leiden instituíram uma ‘Nova Jerusalém’. Uma cidade que seria o destino da nova vinda de Cristo e que deveria conquistar as demais cidades (FINGER, 2004, 37). Esse radicalismo acabou por gerar uma das maiores carnificinas da história anabatista, sendo um empecilho para que novos adeptos se ligassem a esse movimento.

Utilizou-se então essa tragédia, por parte das autoridades da época, como propaganda para mostrar o quão terríveis e sectárias eram as ideias anabatistas. Porém, muitos que se identificavam com essa nova interpretação da vida cristã não compartilhavam das visões de van Leiden e seus seguidores. Surgiu então um grupo de novos anabatistas que adotou uma postura contrária a Münster. Eles procuraram demonstrar, através da sua vida, pregação e escritos, o quanto o Anabatismo verdadeiro era contrário ao que se passou em Münster. Dentro desse

grupo encontramos Menno Simons (WALTNER, 2013, p. 55), um padre católico que buscou respostas para as questões impostas pelos anabatistas na Bíblia e com isso abandonou a igreja e tornou-se uma das maiores personalidades anabatistas da época. Abaixo, relata-se um pouco mais sobre cada um dos grupos apresentados acima.

### 1.1 GREBEL, MENZ E SATTLER

Como já mencionado anteriormente, por volta do ano de 1523 a cidade suíça de Zurique fervilhava de tensão por causa das pregações de Zuínglio. Esse reformador revolucionava a cidade ao pregar diretamente com textos bíblicos, denunciando dessa forma diversos atos contrários à Palavra. Convocou-se então o conselho da cidade de Zurique para analisar e julgar Zuínglio e seus seguidores. Muitas acusações foram feitas, no entanto nenhuma condenação foi imposta a ele. Segundo Finger, nesse evento que ficou conhecido como ‘Primeira Disputa de Zurique’ e se realizou em 29 de janeiro de 1523, discutiu-se sobre dízimos e juros da Igreja Católica (FINGER, 2004, p. 18). Esses formavam importantes fontes de renda para a manutenção das instituições eclesiais da cidade e por isso a importância desse assunto. No entanto, para decepção de diversos pregadores das zonas rurais adjacentes a Zurique, Zuínglio adota um tom mais conservador e não condena essas práticas mesmo após a disputa. Inicia-se assim uma ruptura entre ele e outros reformadores, pois esses esperavam que Zuínglio adotasse visões mais bíblicas sobre esses assuntos. Mas essa ruptura apenas se concretizou tempos depois e envolvia outras controvérsias.

Dentre os pontos de disputa encontravam-se a missa católica e as imagens das igrejas. Esses temas, ainda segundo Finger, são discutidos na Segunda Disputa de Zurique durante os dias 26 e 28 de outubro do ano de 1523 (2004, p. 19). Também nesse evento, Zuínglio não atende às expectativas dos reformadores radicais e um desacordo emerge entre as partes. Como Finger escreve:

Um desacordo crucial emerge entre Zuínglio e seus seguidores radicais. Grebel, Stumpf e outros querem que as decisões e suas implementações sejam feitas baseadas nas Escrituras apenas por um grupo que claramente é uma igreja. Zuínglio quer governo, ou o governo considerado como igreja, para promulgar e regular essas reformas (2004, p. 19).

Com isso deduz-se que dentre os seguidores de Zuínglio havia pessoas à procura de uma quebra radical com a Igreja Católica e seus ensinamentos. Dentro desse grupo, Finger cita Felix Manz e Conrad Grebel. Ambos, pessoas educadas e estudiosas da Bíblia, influenciadas por Erasmo<sup>3</sup> e que buscavam uma fé baseada no exemplo de Jesus e críticos aos hábitos da igreja (FINGER,

---

<sup>3</sup>Erasmo de Roterdã, pensador humanista do início do século XVI.

2004, p. 19). Esses se desapontaram com o ritmo das reformas pois percebiam que o motivo de hesitação não se explicava por motivos bíblicos, mas econômicos e políticos (KLAASSEN, 1973, p. 4). Com isso a compreensão deles sobre a obediência cristã entrou em choque com o que acontecia em Zurique àquela época. Como escreve Klaassen:

Grebel, Manz e outros acreditavam que obediência a Cristo não se classifica nem por prudência nem medo. Além eles concluíram a partir dos seus estudos do Novo Testamento que o nome cristão se aplica apenas para aqueles que realmente seguem Jesus e não indiscriminadamente para qualquer batizado. Terceiro, eles negavam que existia alguma diferença essencial entre um governo cristão e não-cristão (1973, p. 4).

Dessa forma ocorre uma ruptura entre Zuínglio e o conselho da cidade de Zurique de um lado e esses reformadores radicais de outro. Esses últimos passam a se encontrar para estudar a Bíblia e julgar os acontecidos na cidade de acordo com a Palavra. Um desses pontos de discórdia se torna o batismo infantil. Conforme seus estudos avançam, percebem que o batismo deve ser ministrado apenas para pessoas após tomarem a decisão consciente de seguir a Cristo. O clímax dessa ruptura ocorre no dia 21 de janeiro de 1525, quando num desses encontros na casa de Felix Manz, Conrad Grebel batiza os demais presentes. A partir desse ponto adota-se o nome de Anabatista para esse movimento. Essa palavra é a junção do prefixo grego ana (novamente) e batista significando os que se batizam novamente (FINGER, 2004, p. 20). Uma nova igreja surge, uma nova comunidade se forma e ela envia grupos de missionários pelo mundo para proclamar sua nova fé (KLAASSEN, 1973, p. 5). Esses novos convertidos não se intimidam com as barreiras que surgem das suas decisões, nem se amedrontam diante o martírio. Grebel morre em 1526 pela praga e Manz é executado publicamente por afogamento em Zurique no ano de 1527.

Perseguição e martírio formam as consequências imediatas das pregações anabatistas. Para manter o controle sobre a igreja e a sociedade da época, o movimento é considerado ilegal e quem se ligar a ele é penalizado com a morte (FINGER, 2004, p. 23). As execuções dessas penas possuíam o objetivo de escandalizar e amedrontar a todos sobre o risco de se tornar um anabatista. Uma das mortes mais marcantes foi a de Michael Sattler. Esse tornou-se um dos líderes mais eminentes após as mortes de Manz e Grebel e foi aprisionado em 1527 (FINGER, 2004, p. 23). Após seu julgamento, Sattler fora torturado, teve sua língua arrancada e queimado em praça pública. Sua esposa Margareta é executada por afogamento alguns dias depois após não negar sua nova fé (FINGER, 2004, p. 24).

## 1.2 HUTERISTAS

Como já mencionado anteriormente, uma das principais características do anabatismo no século XVI era o evangelismo. Dessa forma, essa nova mensagem não se reteve apenas na Suíça, mas seus pregadores espalharam-se por outras partes da Europa. Segundo Klaassen, “dois anos após a formação da primeira congregação, o movimento se expandiu por centenas de milhas além do seu ponto inicial” (1973, p. 5, tradução nossa). Mas essa expansão deu-se de maneira conturbada e não livre de perseguição. Baltazar Hubmaier e sua esposa Elsbeth e Jacob Hutter são apenas dois grandes líderes anabatistas mencionados por Finger (2004, p. 32) mortos por Fernando I, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, por pregarem na região do Tirol. Porém nem toda a Europa encontrava-se fechada para a mensagem anabatista. Na Morávia, uma região que hoje pertence à República Tcheca, os líderes locais apreciavam sua mensagem e permitiram que uma comunidade anabatista ali se formasse (FINGER, 2004, p. 31). Friedman afirma que “apenas Moravia, com sua tolerância condicional, possuía igrejas-fraternidades com pregadores eleitos e anciões e com uma disciplina eclesial” (1973, p. 116, tradução nossa). Para entender melhor o que Friedman entende por igreja-fraternidade necessita-se analisar as visões de igreja vigentes antes dos anabatistas.

Segundo Lederach, Agostinho desenvolveu no seu tempo o conceito de ‘igreja invisível’. Essa se constituiria dos verdadeiros crentes e discípulos de Jesus que, por sua vez, faziam parte da cristandade (1993, p. 49). Pensou-se isso porque à época de Agostinho igreja e estado caminhavam juntos e por isso todos os membros de um reino cristão eram cristãos automaticamente. Ainda citando Lederach, “a maioria dos reformadores, seguindo as ideias de Agostinho, afirmou que na sociedade (cristandade), há uma verdadeira Igreja, mas é invisível” (1993, p. 49). Importante comentar que para Bayer a compreensão de igreja invisível se alterou um pouco para Martinho Lutero, afastando-se em parte do misticismo medieval, mas ainda mantendo as ideias de cristandade e igreja invisível (BAYER, 2007, p. 207).

No entanto, Friedman afirma que para os anabatistas, aqui compreendidos também os huteritas, “uma teologia de uma igreja invisível não teria significado para eles” (1973, p. 118, tradução nossa). Discutir-se-á, no capítulo 2 do presente trabalho, mais detalhadamente a compreensão de comunidade e igreja difundida por esse movimento. Para compreender melhor a organização dessas comunidades huteritas da Morávia no século XVI, é preciso considerar que, como afirma Friedman, sempre houve uma igreja visível e essa seria o núcleo do Reino de Deus nessa terra (1973, p. 117).

Partindo dessa percepção, Finger descreve a organização econômica das comunidades

huteristas da Morávia, tendo como centro o compartilhamento de bens (2004, p. 237). O mesmo autor afirma que novos convertidos a essas comunidades deveriam contribuir para um caixa comum e entregar seus excedentes para um tesouro comum. Os líderes acreditavam que:

...como Deus é espírito, nós nos afastamos dele quando valorizamos o materialismo. Nós podemos retornar quando viramos nosso coração para Deus e nos esvaziamos de todo o resto. Isso inclui desistir de coisas adquiridas e propriedade (FINGER, 2004, p. 238, tradução nossa).

Essa mentalidade trouxe diversas consequências para a organização econômica dessas sociedades. Um exemplo é a proibição de membros serem mercadores, pois isso significava roubar pão da boca dos pobres e torná-los escravos dos mais ricos (FINGER, 2004, p. 239).

Apesar de críticas da própria época por pessoas que abandonavam uma comunidade huterita, o fundamento crucial dessa organização econômica residia na compreensão de um cristão utilizar seus bens para ajuda mútua. Finger, citando o reformador anabatista Marpeck, afirma:

Cristãos podem controlar suas posses, mas devem gerenciar esses recursos não para eles próprios, mas para Deus e os necessitados. Na prática, todos seus bens materiais eram comuns porque cristãos oferecem tudo que possuem de coração para Deus (2004, p. 239).

Essas comunidades da Morávia desenvolveram-se de forma pacífica, numa região sem muitas turbulências políticas e religiosas. Infelizmente nem todos os novos convertidos dispuseram de sorte semelhante. Ao longo do século XVI, diversos relatos existem de tragédias, seja por falta de tolerância dos poderes estabelecidos, seja por falhas nos movimentos anabatistas. Uma dessas últimas apresentar-se-á a seguir, onde visões e compreensões distorcidas da Bíblia e da mensagem de Cristo ocasionaram uma carnificina que marcou indelevelmente a história anabatista.

### 1.3 TRAGÉDIA DE MÜNSTER

Até este ponto descreveu-se a evolução e acontecimentos ligados ao anabatismo em regiões como Suíça e o então existente Sacro Império Romano-Germânico. Percebe-se, a partir do já apresentado, um distanciamento entre o ideário católico da época, como comprova o inconformismo de pessoas como Grebel, Sattler e Manz. Porém esse novo grupo também não se conformava com as ideias advindas do protestantismo de reformadores como Lutero, Calvino e Zuínglio, tendo como exemplo já mencionado o conceito de igreja invisível. Voltar-se-á a essas distinções entre catolicismo, protestantismo e anabatismo no capítulo dois do presente trabalho, mas para compreender melhor a Tragédia de Münster, necessita-se compreender que o

anabatismo, apesar de suas origens no protestantismo suíço, figurou uma terceira opção entre catolicismo e protestantismo.

De forma análoga ao surgimento do anabatismo, quando um grupo de dissidentes católicos começou a pregar essa nova compreensão da fé, assim também luteranos abandonaram sua igreja e se ligaram ao anabatismo. Dentre esses, pode-se mencionar Melchior Hoffman, pregador luterano atuante no Báltico que após se converter ao anabatismo se intitula o Elias dos últimos dias (FINGER, 2004, p. 35).

Hoffman iniciou sua carreira no Báltico ainda como luterano e conquistou a simpatia de Frederico I da Dinamarca e de Martinho Lutero, com suas pregações críticas à Igreja Católica. Porém, ao término da Guerra dos Camponeses na Alemanha, suas pregações atraíam camadas mais baixas da sociedade e geravam distúrbios não apreciados. Com isso, expulsou-se Hoffman de diversas cidades levando-o até a cidade de Strasbourg (FINGER, 2004, p. 35).

Nessa cidade, Hoffman “conheceu anabatistas pela primeira vez. Ele rapidamente se tornou um, tendo encontrado nesse movimento o que ele vinha procurando” (KLAASSEN, 1973, p. 6, tradução nossa). Ainda segundo Klaassen, a preocupação maior desse pregador consistia na segunda vinda de Cristo e o local onde isso ocorreria. Baseado em revelações que ele julgava virem de Deus, escolheu ele a cidade de Strasbourg e ali ele “alegremente foi para a prisão porque ele acreditava que sua prisão iniciaria a sequência dos últimos anos da história humana. Porém ele morreu na prisão dez anos mais tarde” (KLAASSEN, 1973, p. 6, tradução nossa). Mas, apesar do final trágico da sua história, as ideias de Hoffman impactaram enormemente outros pregadores seus conterrâneos.

Um desses pregadores foi Jan Matthijs. Esse se aproveitou do fato de a cidade alemã de Münster ter-se tornado uma cidade governada por anabatistas e migrou para lá no ano de 1534 para fundar uma sociedade anabatista. Se para Hoffman a cidade escolhida para receber a segunda vinda de Cristo fora Strasbourg, para Matthijs era Münster. Dyck também menciona outra grande diferença entre Hoffman e Matthijs. Para o primeiro, o comportamento do verdadeiro cristão deveria ser pacífico, sem pôr em risco a vida dos perversos. Mas para Matthijs “os fiéis deveriam preparar de antemão o retorno de Cristo e fazer um lugar para Seu reino ao destruir os perversos” (DYCK, 1992, p. 94). Preparações militares foram feitas e não demorou para o bispo de Münster juntar um exército para reconquistar a cidade. Em 24 de junho de 1535, a cidade finalmente caiu, mas o custo humano e à imagem dos reformadores anabatistas fora alto.

Essa tragédia de Münster atraiu a atenção de diversos da época, alguns atendendo aos chamados dos reformadores de Münster, outros utilizando esse evento para denegrir mais ainda

a imagem desses. Também houve quem se importasse com as pessoas e após esses eventos se ligou ao movimento para guiar essas pessoas. Desses destaca-se Menno Simons e ele será o assunto do próximo capítulo.

#### 1.4 MENNO SIMONS

No início de 1496 nascera Menno Simons em Witmarsum na Frísia. Seu pai viera da vizinha Pingjum e, junto com a mãe de Menno, eram pessoas simples. O início da sua vida deu-se em um período conturbado da história da região. Isso se deve ao fato de em 1498 a Frísia ter perdido sua independência. Descontentes com essa situação, por diversas vezes os moradores da região procuraram reconquistar a independência. Mas não obstante os conflitos humanos, diversos alagamentos causados pelas constantes quebras dos diques matavam tanto animais domésticos quanto seres humanos (WALTNER, 2013, p. 28). Nesse cenário, existia para Menno o caminho do sacerdócio. Segundo Waltner, com apenas 9 anos de idade Menno fora designado para a carreira eclesial, sendo isso um desejo dos seus pais (WALTNER, 2013, p. 29). Com essa decisão, Menno estudou numa escola estatal nas redondezas de Witmarsum, dedicando-se aos estudos de oratória e línguas (WALTNER, 2013, p. 29).

Os anos se passaram e em 1524 Menno assumiu o sacerdócio na cidade natal de seu pai (Pingjum). Segundo seu próprio relato, outros dois sacerdotes assumiram suas funções juntamente com ele. Ainda segundo Menno,

Um deles era meu pastor; estudado até certo ponto e o segundo estava abaixo de mim. Esses dois já haviam lido em partes as Escrituras; eu porém nunca havia tocado nelas. Eu temia, se eu as lesse, seria desviado do caminho (WALTNER, 2013, p.56, tradução nossa).

Porém não demorou muito para questões sérias atormentarem a mente de Simons. Dyck escreve que “já em seu primeiro ano como sacerdote ele começou a inquietar-se sobre a doutrina católica romana da presença física da carne e do sangue de Cristo no pão e no vinho da missa” (1992, p. 97). Menno então buscou dialogar com seus pares do sacerdócio, mas não recebeu as respostas para suas perguntas e acabou por ir buscar nas Escrituras. Aqui Menno iniciou um procedimento que se alastrou por toda sua obra. Ao longo dos escritos de Menno que chegaram até os dias atuais, percebe-se claramente um zelo desse anabatista holandês em justificar seus argumentos biblicamente.

Outro acontecimento que trouxe inquietação para Simons fora a execução de Sicke Snijder. Segundo Finger, esse homem fora o primeiro mártir anabatista holandês em 1531 (2004, p. 36) e,

com sua morte, Menno agora ouvira pela primeira vez sobre batismo de adultos. Porém nesse caso o procedimento adotado distinguiu-se da questão da ceia do Senhor e Simons não mais buscou conselho com seus pares, mas dirigiu-se direto à Bíblia para procurar respostas para a questão (Dyck, 1992, p. 98). Essas duas questões, a saber, transubstanciação da carne e do sangue na ceia do Senhor e batismo infantil, inquietaram Menno e Finger afirma que ele até iniciou a pregar na igreja católica ainda de forma protestante, mas não abandonou o sacerdócio por medo (2004, p. 38).

Seguindo a execução de Snijder, vieram os acontecimentos de Münster já descritos acima. Como mencionado anteriormente, diversos anabatistas das regiões próximas de Münster migraram para essa cidade e formaram o exército de Matthijs e, após a morte deste, de van Leyden. Esse fenômeno não passou despercebido por Menno Simons e também causou inquietações. Para ele, a migração em massa para Münster era uma enganação que arrebanhava bons corações para um engano. Segundo suas próprias palavras, “minha alma estava inquieta, pois eu reconhecia, que apesar dos esforços, faltava-lhes ensino” (WALTNER, 2013, p. 59, tradução nossa). Apesar dos seus esforços para alertar esses migrantes e adeptos de Münster, não fora possível a Menno evitar um acontecimento trágico que mudou a sua vida para sempre.

Em 1535 um grupo de anabatistas rumando para Münster ocupara o monastério conhecido como Oude Klooster. Um batalhão então invadiu o local ocupado e matou muitos desses invasores. Dentre eles, estava o irmão de Menno (FINGER, 2004, p. 39). Para Menno, esse evento o marcou profundamente pois segundo suas palavras: “E eu era um daqueles que trouxe à tona algumas de suas aberrações, mas permaneci em minha vida desregrada e próprias aberrações (FINGER, 2004, p. 59, tradução nossa). Porém após os acontecimentos em Oude Klooster, Menno, ainda padre católico, pediu para Deus ter misericórdia dele e lhe dar um coração puro. Alguns meses depois, Menno abandonou seu sacerdócio e toda a reputação construída até então.

O ano seguinte foi gasto no estudo das Escrituras e com seus próprios escritos. Foi, sem dúvida, durante este período que ele deu um significado mais completo à posição a que havia chegado e à qual se comprometeu até a sua morte vinte e cinco anos mais tarde (Dyck, 1992, p. 98).

Ao abandonar o sacerdócio, Menno se retraiu para estudar as Escrituras e encontrar conforto para suas inquietações. Porém, após um ano dessa decisão, um grupo de seis a oito pessoas foi ao seu encontro solicitar para ele se tornar um servo desse novo movimento, a saber, o anabatismo. Após relutar, ele finalmente aceitou (DYCK, 1992, p. 98). Interessante observar o relato do próprio Menno Simons sobre esse evento. Em seus escritos, ele relata as preocupações que lhe ocorreram quando da visita desses emissários. Havia tanto o medo pelas perseguições

quanto uma visão da necessidade dessas pessoas por alguém que as liderasse. Para resolver o impasse, Menno exigiu que todos ali permanecessem por um tempo em oração para Deus dar a ele uma certeza no coração como Paulo em 1 Coríntios 9.16: “e ai de mim, se não anunciar o evangelho”<sup>4</sup>. Como justificativa desse procedimento, ele citou Mateus 18.19-20 (DYCK, 2013, p. 60).

Os medos de Menno se confirmaram. Com o passar dos anos, a perseguição de fato o atingiu e em 1542 o rei Carlos V definiu uma alta quantia para quem entregasse Menno e sérias punições para quem o alojasse (FINGER, 2004, p. 39). Porém, Simons morreu apenas na década de 1560.

Durante o tempo compreendido entre sua conversão e morte, Menno teve diversas disputas com católicos, reformadores e os próprios anabatistas sobre os mais diversos assuntos. Dyck resume as diferenças das igrejas Menonitas, isto é, das igrejas surgidas a partir de Menno Simons, em dois pontos: a natureza da vida cristã e a natureza da igreja. No primeiro ponto, para os Menonitas o verdadeiro cristão demonstraria com suas atitudes a natureza reformada por Cristo. Já para o segundo ponto, a igreja era uma reunião voluntária de crentes que tiveram suas vidas e natureza reformadas por Cristo (DYCK, 1992, p. 101). Como já explicado anteriormente sobre igreja invisível, para os Menonitas isso não existia e a igreja deveria ser apenas a visível, a saber, constituída por pessoas com coração sincero na busca pela natureza de Cristo.

## 1.5 CONCLUSÕES SOBRE O INÍCIO DO ANABATISMO

O início do século XVI foi um dos mais conturbados da história da igreja. Diversos questionamentos postos pelos reformadores, independente de origem, trouxeram inúmeras tensões dentre as quais encontravam-se os primeiros anabatistas. No entanto, esses não se organizaram com uma forma única e questões teológicas claras, antes formou-se uma cacofonia que pode ser dividida em três grandes grupos (FINGER, 2004, p. 47). O primeiro grupo é formado pelos herdeiros de Grebel, Manz e Sattler (descritos no tópico 1.1) e situa-se na Suíça. No segundo grupo inclui-se os hutteritas da Morávia descritos no tópico 1.2 e por último, os anabatistas do norte da Alemanha e Holanda. Desse último grupo destaca-se Menno Simons que com sua liderança evitou que o movimento se esfacelasse em diversos grupos menores e perdesse sua importância (FINGER, 2004, p. 36).

Porém, apesar das distinções e da descoordenação entre os movimentos, Finger enumera três dimensões da fé e vida cristã para os anabatistas. Essas dimensões serão estudadas com mais detalhes a seguir.

<sup>4</sup>Os textos bíblicos mencionados neste artigo foram extraídos da Bíblia de estudo desafios de todo homem.

## 2 AS TRÊS DIMENSÕES DA VIDA CRISTÃ

Segundo Finger, a herança ética deixada pelos anabatistas configura, para muitos, a grande contribuição desses para o mundo cristão. No entanto, ele argumenta que se não houvesse uma profunda teologia implícita nos anabatistas históricos (essas pessoas estudadas até aqui), isso não ocorreria (FINGER, 2004, p. 105). Para melhor compreender as origens dessa teologia e suas implicações, Finger define três dimensões da vida cristã a partir da história e escritos dos anabatistas históricos. Para esses últimos, a vida do crente se inicia no momento da conversão e essa leva para uma profunda mudança nas atitudes e comportamentos da pessoa. Uma pessoa convertida ao evangelho seguirá os passos de Jesus e viverá essa nova fé. Essa mudança de estilo de vida das pessoas denomina-se ‘Dimensão Pessoal’. Após essa mudança de vida, o novo convertido unir-se-á a outras pessoas que passaram pela mesma experiência. Essa união de pessoas formará a Igreja de Cristo e refletirá Sua glória e majestade ainda nessa terra. Com isso, chega-se a segunda dimensão, chamada aqui de ‘Dimensão Comunal’. Por fim, os verdadeiros discípulos de Jesus Cristo não retêm o Evangelho apenas para si, mas propagam-no a toda a criatura. Essa obediência à Grande Comissão Finger chama de ‘Dimensão Missional’. Dedicar-se-á um tópico para cada uma dessas dimensões a seguir.

### 2.1 DIMENSÃO PESSOAL

“Qual a utilidade, muito falar de Cristo e sua Palavra, quando em Cristo não acreditamos e não vivemos de acordo com sua Palavra?” (WATNER, 2013, p. 257, tradução nossa). Com essas palavras, Menno Simons exortava seus seguidores e leitores a uma vida dedicada ao Senhor e que buscava uma vida santa diante dEle. Porém com essa perspectiva, difundida entre outros anabatistas, as ideias de Menno entravam em conflito com o princípio da salvação somente pela graça difundida por Lutero (FINGER, 2004, p. 112).

Um dos pressupostos da reforma proposta por Lutero partia do princípio da salvação pela graça e justificação pela fé (FINGER, 2004, p. 112). Dessa forma, levantava-se ele contra a tradição católica da salvação pelas obras, sacramentos, penitências e outros princípios católicos. Portanto, tem-se de um lado os católicos e sua valorização das obras e de outro os reformadores (como Lutero e Zuínglio) com a salvação pela graça. Porém para os anabatistas, a salvação deve levar a uma vida santa “pois como teu espírito está, assim devem ser teus frutos e tua vida. O espírito de Cristo está em você, o qual é santo e puro, assim tua vida e teus frutos serão santos e puros” (WALTNER, 2013, p. 459, tradução nossa). O cristão verdadeiro, apesar de

receber sua salvação pela graça de Deus em Jesus Cristo, deve trilhar os Seus caminhos não importa os sofrimentos por eles trazidos. Para Menno e muitos anabatistas, essa era a realidade inexorável. Baseando-se em 2 Timóteo 3.12 e Mateus 10.22, Menno deduz que o verdadeiro cristão enfrentará sofrimento e lutas nessa vida terrena. Também ele menciona os versículos de João 16.2; Atos 14.22; 2 Timóteo 3.12 e 2 Timóteo 2.11-12 para concluir que:

sim, toda a Escritura está repleta de admoestações, exemplos e descrições das turbulências, desconfortos, exílios, maus tratos, roubos e punições, das traições, prisões e vergonhosas mortes e crucificações dos santos (WALTNER, 2013, p. 742, tradução nossa).

Para Menno, isso significava que seguir a Cristo implicava em aceitar e carregar sua cruz, que cada cristão deveria abdicar da sua própria natureza e aceitar viver uma vida de acordo com Jesus.

Finger conclui sua parte sobre a dimensão pessoal afirmando que o anabatismo apresenta diversas semelhanças com o catolicismo (valorização das obras), com o luteranismo (salvação pela graça) e por isso configura-se num terceiro caminho disponível (2004, p. 132). Porém, para os anabatistas, a salvação e a vida terrena não se restringem apenas a uma experiência pessoal única, mas ao convívio em comunidade. Comunidade essa formada por pessoas que tiveram a vida transformada pela conversão a Cristo e que agora vivem em comunidade. Essas comunidades serão o tema do próximo tópico.

## 2.2 DIMENSÃO COMUNAL

Na compreensão de Finger, para os anabatistas a dimensão pessoal, apresentada no tópico anterior, apontava para uma vida em comunidade (2004, p. 157). Porém antes de analisar como esse autor descreve as práticas adotadas pelas comunidades anabatistas, precisa-se contextualizar o ambiente anabatista e suas ideias.

Segundo Littel, existia entre os anabatistas a certeza da queda da igreja. Essa teria ocorrido quando da conversão de Constantino e a posterior definição do cristianismo como religião estatal. Após esse evento, toda a discussão referente a sua organização, ética e moral alterou-se completamente e a igreja passou a ser parte dos poderes deste mundo e não mais seguindo os ensinamentos de Jesus Cristo (LITTEL, 1966, p. 92). Murray descreve como essa transformação política do cristianismo levou Cristo de centro da vida cristã para a margem. Afinal, como falar em amar os inimigos (Mateus 5.44) se existe um Estado para defender. E como pregar ao povo para “não se preocuparem com o amanhã, pois amanhã trará as suas próprias preocupações”,

(Mateus 7.15) quando existe uma economia para gerenciar? (MURRAY, 2015, p. 59). Dessa forma, ainda segundo Murray, ao passo que ocorria a marginalização de Cristo, uma centralização no Antigo Testamento tomava corpo. “Afim, Israel da Antiguidade tinha uma economia para administrar, fronteiras para defender e um sistema social para organizar” (MURRAY, 2015, p. 59, tradução nossa). Esse processo culminou com o que séculos mais tarde tornou-se conhecido como a Cristandade, pois através das guerras e conquistas por volta do ano 1500 a Igreja Católica era uma das instituições mais poderosas do mundo. Porém para os anabatistas do século XVI isso significou que durante todo esse tempo os ensinamentos de Jesus foram marginalizados e ignorados. Quando os anabatistas iniciaram suas pregações, era essa igreja caída que eles condenavam. Baseando-se nos ensinamentos de Jesus em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21, eles exortavam seus contemporâneos para uma vida santa, visto que o Reino é iminente, mas apenas os puros entrarão (FRIEDMANN, 1973, p. 41). Dessa forma, havia entre esses reformadores o claro conceito de dois reinos, a saber, o Reino de Deus e o reino do príncipe desse mundo. Para Menno Simons então, o crente devia evitar todo e qualquer ensinamento, sacramento ou costume no qual não se encontrava o verdadeiro e puro ensinamento de Cristo de um lado, mas procurar cada vez mais uma vida santa e de acordo com os passos de Jesus (WALTNER, 2013, p. 312).

Outro aspecto importante de mencionar é que a igreja reformada surgida naquela época também não satisfazia às opiniões anabatistas. Para Littel, o anabatismo procurava antes a restituição da cristandade segundo a igreja primitiva do que a reforma da igreja vigente. Para reformadores como Lutero, Zuínglio e Calvino não se deveria romper radicalmente com a história da igreja medieval, portanto mesmo nos territórios onde um governante protestante regia a igreja ainda se mantinha estatal (LITTEL, 1966, p. 122, 123). Murray corrobora essa informação afirmando que para os reformadores protestantes o estilo de vida de Jesus não definia seus próprios estilos (2015, p. 61).

Surge então disso a questão sobre como uma pessoa convertida desenvolve o estilo de vida de Cristo. Para os anabatistas isso só seria possível dentro da igreja verdadeira. A disciplina, então empregada por ela, seria principalmente para evitar a contaminação com o mundo. Isso se obtinha com o processo de banimento e perdão. Seguindo o texto de Mateus 18.15-17, quando um irmão pecava ele deveria então ser admoestado pelos irmãos. Caso se arrependesse seria então aceito de volta na comunidade e perdoado. Mas se não se arrependesse seria banido da mesma. Com o passar dos anos, Menno empregou os princípios descritos em Mateus para delitos cometidos por fraqueza. No entanto, para pecados como fornicção, adultério, bebedeiras etc, ele defendia o

banimento imediato (FINGER, 2004, p. 217). Dessa forma, as primeiras comunidades anabatistas conseguiram desenvolver um sistema onde cada membro possuía sua responsabilidade, pois essas admoestações davam-se pela comunidade (LITTEL, 1966, p. 141), que consistia de verdadeiros pregadores e cristãos comandados pelo Espírito Santo (WALTNER, 2013, p. 893).

Paralelos desse princípio do discipulado pela comunidade podem ser encontrados nos escritos de Keller. Esse autor afirma que “a própria comunidade é um dos principais caminhos para divulgação e discipulado, e mesmo experimentar comunhão com Deus” (2012, p. 311). Aqui encontra-se um exemplo de conceitos teológicos do anabatismo em escritores atuais. Para Keller, assim como para os anabatistas, a comunidade desenvolvia um papel fundamental do discipulado e crescimentos dos crentes. Porém, diferentemente de Menno Simons, ele não escreve sobre banimento, mas motiva as pessoas a se deixarem guiar pela comunidade, que por sua vez se deixa conduzir pelo Espírito de Deus.

Outro aspecto da teologia anabatista muito lembrado na atualidade é a economia de compartilhamento (*Economic sharing*). Esse tema possuía diferentes abordagens dentro dos anabatistas históricos, chegando ao compartilhamento total de bens conforme (vide 1.2). Essa acusação também cabia a Menno Simons, porém ele afirmou que os verdadeiros cristãos deveriam ter misericórdia dos seus irmãos na fé que passavam por necessidade (WALTNER, 2013, p. 610). Esse princípio de ajuda ao necessitado e conseqüente comunalismo encontra eco em Blomberg (2009, p. 163). Esse autor, baseando-se em Atos 2.42-47, descreve como os primeiros cristãos de Jerusalém compartilhavam seus bens de acordo com suas necessidades. Porém para Blomberg, a partir desse texto bíblico não é possível deduzir que havia uma carteira comum, mas uma sensibilidade às necessidades dos mais fracos. Também para Keller, ao falar de Deuteronômio 24 e as instruções divinas sobre a colheita, afirma que “a falta de generosidade se nega a reconhecer que nossos bens não nos pertencem de verdade, mas sim pertencem a Deus” (2013, p. 103). Isso significa dizer que tanto para Menno no século XVI, quanto para Blomberg e Keller no século XXI, o cristão é um administrador das riquezas do Reino, ou seja, o que ele possui como propriedade, ele deve administrar como se fosse do Reino.

Mas assim como a vida do indivíduo está ligada a uma comunidade, assim a comunidade também está ligada a algo maior que ela. Na visão de Finger, essa ideia levou os anabatistas a não restringir suas novas apenas para seu grupo, mas a espalhá-las conforme comanda a Grande Comissão. Dessa forma, chega-se à terceira dimensão da visão anabatista defendida por Finger, a saber, a missional que será estudada a seguir.

### 2.3 DIMENSÃO MISSIONAL

Para Finger (2004, p. 267) os escritos de Menno Simons logo após sua conversão eram missionários. Desejava ele que a igreja fosse o resplandecer divino na terra e dessa forma conquistasse mais e mais pessoas para o Evangelho. Os textos bíblicos para fundamentar tal princípio eram a Grande Comissão (Mateus 28.16-20) e Marcos 16.15,16. Baseados nesses textos, não apenas as comunidades formadas a partir de Menno Simons, mas diversas correntes anabatistas propagaram suas ideias pela Europa do século XVI. No capítulo 1 do presente trabalho já se viu como as ideias revolucionárias anabatistas não se ativeram apenas à Suíça, mas se espalharam ao longo do continente. Porém havia uma grande diferença entre os missionários anabatistas e de outros reformadores.

Littell (1966, p. 164) escreve que houve momentos em que a Igreja Católica de fato enviou missionários para converter os povos pagãos, porém nas comunidades anabatistas a Grande Comissão destinava-se a todos os seus membros. “Eles se punham voluntariamente sob a cruz, para onde os representantes da igreja estatal não ousavam ir, e por causa do Evangelho tornavam-se peregrinos e mártires em todo mundo conhecido” (LITTEL, 1966, p. 165, tradução nossa). Com isso, formou-se um exército de missionários camponeses e artesãos, muitos deles executados de maneira cruel. Porém uma vez atingido o objetivo e novos convertidos alcançados, o ciclo das três dimensões reiniciava-se.

A dimensão missional, apresentada nesse trabalho (e também em Finger) por último, ocorreria em primeiro lugar. Isso porque Marcos 16.15-16 diz “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado”. Portanto, seguindo a ordem do texto, o cristão deveria ir pelo mundo e pregar o evangelho (dimensão missional). Depois vem o ‘quem crer’ (dimensão pessoal) ‘e for batizado’ (dimensão comunal, pois após o batismo a pessoa era aceita na comunidade). Dessa forma, antes de pensar em mudança de vidas e vida em comunidade, deve-se pregar o evangelho não mais tendo Jesus à margem, como ocorreu com a Cristandade descrita acima, mas no centro.

Novamente em Keller (2013, p. 254-255) encontra-se elementos dos anabatistas do século XVI num escritor do século XXI. Tem-se a descrição de como princípios seculares, como a justiça social, tiram Cristo do centro das missões e como isso prejudicou as igrejas ao longo do final do século XX. Apenas a partir dos anos 1990 iniciou-se um processo de conduzir Cristo ao centro, sendo que a partir dessa centralidade, buscou-se evangelizar e mudar a sociedade contemporânea.

Para os anabatistas, Cristo estava no centro das suas vidas e a partir dele os demais aspectos se desenvolviam. Isso mudava completamente sua maneira de perceber o mundo e a realidade que os cercava.

## CONCLUSÃO

Ao estudar a história anabatista e suas implicações nas vidas de seus contemporâneos do século XVI, percebe-se que Eclesiastes 1.10 está correto: “Haverá algo de que se possa dizer: ‘Veja! Isto é novo!’? Não! Já existiu há muito tempo, bem antes da nossa época”. Viver em um mundo decadente e buscar por uma restauração da comunidade de Cristo de acordo com sua Palavra como a igreja primitiva ocorre regularmente. Interessante que apesar dos avanços tecnológicos, tanto escritores do século XVI, como Menno Simons, como escritores do século XXI, como Timothy Keller, anseiam pela mesma coisa.

Anabatistas buscavam começar a viver o Reino de Deus já nessa terra. Para tanto, procuravam viver uma vida de acordo com os ensinamentos de Cristo, dando importância para Seu exemplo e ensinamentos. Também o Espírito Santo desempenhava um papel importantíssimo nessa caminhada, sendo Ele o guia para compreender os ensinamentos de Jesus e conduzir a comunidade verdadeiramente cristã.

Numa sociedade cada vez mais decadente ética e moralmente, uma releitura dos princípios anabatistas ajuda a trazer esperança e uma forma edificante de viver a fé cristã e encarar toda essa decadência. Nessa releitura alguns elementos podem ser repensados, mas é interessante a quantidade de paralelos que podem ser encontrados em autores atuais, bem como desejos sinceros de diversos cristãos. Se nessa releitura a centralidade de Cristo for reestabelecida, já cumpriu ela com sua função.

## REFERÊNCIAS

- BAYER, O. **A teologia de Martin Lutero**. 1ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BÍBLIA DE ESTUDO DESAFIOS DE TODO HOMEM**. Emerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.
- BLOMBERG, C. L. **Nem pobreza nem riqueza**. *Original: Neither poverty nor riches*. Tradução: Aline Marques Kaehler. Curitiba: Esperança, 2009.
- DYCK, C. J. **História Menonita**. 1ª edição. Campinas: Associação Evangélica Menonita, 1992.
- FINGER, T. N. **A Contemporary Anabaptist Theology: Biblical, Historical, Constructive**. 1ª edição. Downers Grove: InterVarsity Press, 2004.
- FRIEDMANN, R. **The Theology of Anabaptism: An Interpretation**. 1ª edição. Scottdale: Herald Press, 1973.
- KELLER, T. **Center Church**. Grand Rapids: Zondervan, 2012.

\_\_\_\_\_. **Justiça Generosa: A graça de Deus e a justiça social.** *Original: Generous justice: how God's grace makes us just.* Tradução: Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2013.

KLAASSEN, W. **Anabaptism: Neither Catholic nor Protestant.** 1ª edição. Ontario: Conrad Press, 1973.

LEDERACH, P. M. **Uma terceira opção.** *Original: The Third Way,* Tradução: João Marques Bentes. Campinas: Associação Evangélica Menonita, 1993.

LITTEL, F. H. **Das Selbstverständnis der Täufer.** Kassel: Thiele & Schwarz, 1966.

MURRAY, S. **The naked anabptist.** Harrisonburg: Herald Press, 2015.

WALTNER, G. *et al* (Red.). **Die Schriften des Menno Simons.** Steinhagen: BasseDruck, 2013.